

Entrevista com Kátia Cândido (filha) e Manuel Cândido (pai)

Dia: 25/06/22

Local da entrevista: Sua residência em Vila Operária

Entrevistadores: Mauro Amoroso

Vídeo e áudio: Luciane Chagas Brasil e Nathalia Knopp Ferreira

Mauro Amoroso: Kátia, obrigado por receber a gente aqui, obrigado também senhor Maninho. É importante vocês abrirem a história da família de vocês, é um prazer muito grande, a gente sabe que às vezes é difícil estar recebendo todo mundo aqui, então é importante registrar esse agradecimento. E agora contar um pouco a sua história.

Kátia Cândido: Tudo bem, Vamos lá...

M A: Kátia, me conta agora um pouquinho da sua infância, o que quê você lembra da sua infância, qual a lembrança mais antiga que você tem? A casa onde você nasceu, onde você foi criada. Se você quiser falar o ano em que você nasceu e não tiver problema com isso, pode falar também....

K C: Eu não tenho problema não, nasci em 1977, tenho 45 anos, de verdade, eu não nasci aqui, eu nasci em uma casa lá na Paulicéia, a lembrança que eu tenho é que eu vim pra cá com sete anos, e a lembrança que eu tenho de infância é de rua, de brincadeira de bola de gude, soltar pipa, que eu era "moleca", eu tinha boneca, essas coisas normais mesmo, mas eu gostava era de bola de gude, soltar pipa, jogar bola na rua com os meninos, essa é a lembrança mais nítida que eu tenho.

M A:Primeiro fala um pouquinho mais das suas lembranças da Paulicéia, isso aí que você falou da molecagem, de soltar pipa, foi lá, ou foi aqui?

K C:Não, é aqui. Já é aqui.

M A: E lá?

K C:É que lá, de verdade, eu tinha mais amizade com meninas mesmo, não tinham muitos meninos, então era brincadeira de boneca, de casinha, essas coisas. Quando eu vim pra cá é que eu descobri a bola de gude, a pipa, correr na rua, brincar de pique esconde, é... pique bandeira, essas brincadeiras de infância, que hoje em dia a gente quase não vê mais.

M A: E o quê que você preferia, as lembranças de brincar com as bonecas lá? ou do pique esconde aqui?

K: Ah... pique esconde, correr na rua, ficar até tarde sentado conversando sentada com as crianças.

M A: Bem melhor, não é?

K C: Bem melhor.

M A: Mas agora, como era a sua casa da Paulicéia? Quais são as lembranças que você tem dessa casa?

K C: É assim, eu não tenho quase lembrança... Parece que quando eu vim pra cá, tudo morreu e ficou pra lá.

M A: Olha...

K C: É muito engraçado, assim, eu não lembro de ter essa infância, de brincadeira, eu lembro, assim, de sempre a casa estar cheia, porque lá éramos quatro, minha mãe, meu pai, meus três irmãos, mais dois primos que moravam com a gente, essas lembranças que eu tenho, mas assim, de infância mesmo eu não tenho, parece que tudo foi apagado da memória.

M A: Entendi, é uma lembrança bem de família então. Vocês lá dentro...

Mas você tem lembranças sobre a casa? Lá a casa era grande, era pequeno?

K C: Não, lá era pequeno. Era normal, quarto, sala cozinha e banheiro, eu dormia no quarto com meus pais e meus irmãos, e meus primos dormiam todo mundo na sala. Essas lembranças eu tenho nitidamente, aí depois que a gente morou pra cá, aí que eu fui ter meu quarto, meus irmãos foram ter os quartos deles, cada um ficou separado.

M A: Você tem lembrança dessa mudança?

K C: Não, não tenho.

M A: Então vamos falar daqui, não é. Você veio de lá da Paulicéia, você veio pra aqui. Qual é a primeira lembrança, a primeira mesmo, a mais antiga que você tem daqui dessa casa?

K C:A lembrança mais antiga...A gente chegando, e assim, todo mundo na rua, que quando chega mudança os vizinhos ficam todos olhando, não é? Ficam olhando os vizinhos novos. E aí ter que começar tudo de novo, ter de fazer amigos novos, porque lá já tinha minhas amigas, as vizinhas. Aqui eu fiquei muito sozinha, um período, porque as crianças, as meninas que eram as vizinhas daqui, ficavam tudo me olhando porque assim, eu tinha mais brinquedo que elas, eu tinha mais bonecas que elas, elas não tinham, então elas tinham medo de fazer amizade comigo, mas depois foi tudo de boa.

M A:Caramba, mas daí demorou muito tempo ou rapidinho?

K C:Não, foi rápido, foi coisa de um mês, mais ou menos.

M A:Pouquinho.

K C:É, mas pra gente que é criança parece que é muito tempo. (risos)

M A: Criança tem pouco tempo de vida, fica impaciente que é uma beleza, não é?

K C:Isso, quer tudo muito na hora.

M A: Tudo muito na hora,, brincadeira!... Todo mundo aqui, já foi assim. (risos)

K C: Não, e é engraçado que eu reclamo do meu filho ser assim hoje.

M A:Então, se for assim a gente tem que pagar por ter sido assim.

M C: Vocês já eram...(inaudível) a época era diferente.

M A: Diferente? Mas aí Kátia, voltando assim aqui pra essa casa. Como é que ela era quando você chegou?

K C:Não era o que é hoje. O que é hoje não era essa casa. O que é hoje foi reforma. Quando a gente chegou era uma casa comprida e tinha um quintal, ela era assim de comprimento e na frente era o quintal. Lembro que o banheiro não era dentro de casa, era do lado de fora, e lá no fundo tinha um poço.

M A:Era de onde vocês retiravam a água?

K C:Não, engraçado, era um poço mas que ninguém usava, porque tinha água da rua. O poço ficava lá atrás, mas a gente não usava o poço.

M A:Só pra ter, mais ou menos, uma idéia, você veio para aqui em que ano? Desculpa, você falou que nasceu em...

K C:1977, eu vim pra cá de sete para oito anos.

M A:Em 1984, 1985 vocês vieram pra cá.

K C:Isso.

M A:Então já tinha água na rua.

K C:Já. O poço devia ser para esse fim, alguém usava, mas quando eu vim já era água da rua.

M A:Entendi, então ninguém chegou a usar. Tem lembrança desse poço, seu Maninho? Esse poço do qual ela estava falando? Chegou a usar?

K C:A única lembrança que eu tenho é que minha prima caiu dentro dele.

M A:Ela se machucou?

K C:Afundou umas três vezes, na terceira vez alguém conseguiu tirar ela de dentro. Essa é a lembrança que eu tenho. Aí depois disso o meu pai aterrou ele, e aí não se usou mais.

M A:Entendi.

K C:Ficaram com medo, porque tinham as crianças que ficavam brincando aqui comigo, tinham o medo de cair também, e aí ia dar ruim.

M A:Essa criança era mais ou menos da sua idade?

K C:Era a minha prima, mais ou menos da minha idade. Ela veio visitar a gente, e por curiosidade foi olhar.

M A:Aí caiu... Seu Maninho corretamente (aterrou)...

K C:Não sei se foi meu pai que pegou ela, mas aí corretamente logo depois ele falou assim, melhor aterrar pra gente não ter dor de cabeça no futuro.

M A:Então só pra eu visualizar melhor. Você falou que a casa era comprida e que tinha um quintal. o quintal seria mais ou menos aqui na frente.

K C:Não, era comprido, o quintal era do tamanho da casa.

M A:Caramba, então pegava aqui tudo.

K C:Aqui tudo até lá no final. isso aí.

M A:E já tinha esse segundo andar?

K C:Não. Isso foi depois da reforma.

M A:Era só lá embaixo.

K C:Era só lá embaixo. Foi depois da reforma... De verdade, o segundo andar se fez depois que meu irmão resolveu casar. Que aí, de verdade, ele que era pra morar aqui, e a gente morava lá embaixo. Só que aí eu casei e a casa minha mãe achou melhor dar pro meu irmão lá embaixo, porque lá embaixo eram dois quartos. Aí ele foi lá pra baixo e meu pai e minha mãe vieram pra cá pra cima. Porque aí não tinha a necessidade de ficar com a casa tão grande, se era só eles dois.

M A:Entendi, aí construiu primeiro essa aqui. E lá em cima?

K C:Lá em cima é só o terraço.

M A:Só o terraço. E foram feitos (construídos) juntos, não é? (o segundo andar e o terraço)

K C:Não

M A:Fizeram aqui e (depois) fizeram o terraço?

K C:O pobre faz as coisas devagar. Primeiro embaixo, depois fez aqui em cima, aí depois fez-se o terraço. E a casa onde eu moro hoje em dia, era um irmão meu que morava ali. Ele foi embora para Brasília e voltou mas aí comprou uma outra casa pra ele e foi embora para a casa dele.

M A:Seus irmãos são mais velhos?

K C:São mais velhos que eu. Eu sou a mais nova.

M A:A caçulinha, ó que beleza (risos). Como é que era (a sua) relação com seus irmãos?

K C:Boa... Não... Boa... Boa...

M A: Boa Não...

K C: Com o mais novo que é o Paulo, a gente sempre teve aquele risco de ciúmes porque ele era muito agarrado com minha mãe. eu era a caçula então a gente tinha aquela briga assim, ah então você gosta mais dela... ou gosta mais dele... Aquelas brigas de irmão: Você gosta mais do meu irmão do que gosta de mim. E gente tinha uma relação muito difícil mesmo, eu e esse meu irmão mais novo. Os meus outros dois, com meu irmão mais velho a gente tinha uma relação boa sempre nos demos muito bem. Só com o mais novo, que a gente tinha encrenca.

M A:Caramba...

K C:Mas agora, depois que se cresce e se amadurece, hoje em dia, a relação é ótima.

M A:Todo mundo mais velho, não é mais impaciente como quando era criança.

K C:(adultos) a gente releva todas as brigas de criança, a gente passa por cima e vai embora.

M A:Mas tem sempre aquele natal, que o pessoal toma um vinho à mais e solta: - Mas quando você era criança eu lembro que...

K C: A gente de vez em quando faz isso mesmo (risos)

Quando você era criança você fazia isso...

M A: Família é tudo igual, só muda o endereço.

K C:Isso é verdade (**risos**)

M A: Essa segunda casa, quando você falou foi feita já pensando no casamento de seus irmãos. Você tinha quantos anos? Você é a mais nova, você é quanto tempo mais nova?

K C:Em relação ao mais novo eu sou sete anos mais nova.

M A:E a diferença em relação ao mais velho?

K C:Desculpe eu falar, mas eu não sei não. Não sei nem quantos anos meu irmão mais velho tem.

M A: (risos) Pra você ver que a diferença é grande.

K C: Tem mais de dez anos, tem mais de quinze anos, em relação ao meu irmão mais velho. Eu acho que ele tem cinquenta e seis. Por alto eu acho que ele tem cinquenta e seis ou cinquenta e sete, alguma coisa assim. Do mais novo eu sei porque a gente tem seis, sete anos de diferença, mas do mais velho eu nunca... (sei)

M A: Mas quando começaram as reformas nesta casa, foi depois de quanto tempo? Logo depois que comprou começou a fazer?

K C: Demorou um certo tempo, um bom tempo. Deve ter levado uns dez anos depois que a gente... (se mudou)

M A: Então passou um bom tempo, a infância inteira com (a casa) neste formato original que você falou, o quintal grande, então aproveitou bem esse quintal não é?

K C: De verdade, quando começou a obra, só estavam eu e meu irmão mais novo. Os outros dois já tinham se casado.

M A: Vamos só falar um pouquinho mais da infância, pra depois a gente chegar, a fase da obra.

M C: (risos)

M A: Como que era aqui? O Local? Você falou da casa, mas como que era por aqui, a vizinhança, por exemplo: Já tinham essas casas aqui na frente?

K C: Tinham. Já tinham.

M A: Todas elas, não é?

K C: Todas elas. Só que ai não tinha esse escadão, era um barranco que eu lembro que ali embaixo era uma caçamba de lixo e a rua não era asfaltada, era tudo barro e a gente brincava. Dia de sol era ótimo que a gente brincava, mas dia de chuva não dava para brincar por causa da lama e a gente ficava trancado dentro de casa.

M A: Ficava preso, não é?

K C: Isso.

M A:Então qual era a brincadeira que a galera mais fazia aqui na frente? Como é que as crianças usavam esse espaço aqui na frente, devia ser uma delícia, não é?

K C:Pique bandeira, na minha época era pique lata, jogava uma lata, um ia buscar e enquanto isso o pessoal se escondia, é... queimado, ai como a rua era de barro dava para fazer as búlicas da bola de gude, eram as nossas brincadeiras.

M A:Você jogava isso tudo?

K C:Tudo.

M A:Você ganhava dos meninos?

K C:Às vezes...

M A:Às vezes, não é? Mas quando ganhava era justo, quando não ganha eles que “roubavam”

K C:Isso é verdade.

M A:Sabia, homem é tudo igual...

K C:Tudo...

M A: Só muda o endereço.

Então você falou que ali era o barranco, que tinha a escada.

K C:Ali onde era o "escadão" era um barranco. Não era essa escada bonitinha, era tudo de barro.

M A: Quando é que começaram a fazer essas obras aqui? Quando que começaram a fazer a escada?

K C:Exatamente eu não sei te dizer isso não.

M A:Não precisa ser exatamente não. Pode dar uma idéia, você já era criança ou adolescente, já estava adulta?

K C:Eu já estava entrando na adolescência. Já devia ter uns doze ou treze anos, por aí.

M A:O que fizeram primeiro aqui?

K C:O asfalto, primeiro asfaltaram a rua e depois começaram a organizar o pessoal para melhorar e começar a subir para a rua de cima.

M A:Mas isso foi logo depois ou demorou pra fazer o asfalto.

K C:É faz o asfalto ai uns três anos depois faz lá e assim vai, que ai de verdade, as coisas eram feitas por política, em época de eleição. Ai vem um político faz o asfalto, vem outro político quer ganhar a eleição faz ali e assim foi...

M A:E você lembra quem fez o asfalto?

K C:Não.

M A:E (lembra) também quem fez a escada?

K C:Não, e acredito que não sejam as mesmas pessoas.

M A:E depois você falou que já era “adolescentezinha”, então para as crianças estudarem como que era? Quando você veio para cá. Você mudou de escola, por exemplo?

K C:Não, continuei na mesma escola.

M A:Qual era?

K C:Roberto Silveira. Lá na Paulicéia eu já comecei a estudar no jardim de infância e quando eu vim para cá continuei por lá (Roberto Silveira). Até terminar o ensino médio, ensino médio não... agora é fundamental, na minha época era ginásio.

M A:Sim, pode falar ginásio que eu também falo ginásio.

K C:Então, eu estudei lá no Roberto Silveira até o ginásio, depois eu fui para a Unigranrio fazer o ensino médio.

M A:E os seus amiguinhos, estudavam lá também? Estudavam por aqui?

K C:Não, cada uma estuda em escolas diferentes. Os amigos meus estudavam em colégio particular e eu era a única que estudava em colégio público.

M A:Onde que era esse colégio particular?

K C:Não existe mais, era o antigo Colégio Nossa Senhora da Penha.

M A:Que ficava aonde?

K C:Ficava ali onde agora é a rua professor José de Souza Herdy, ali na 25 de agosto, perto da praça Humaitá, e eu estudava sempre no Roberto Silveira. Alguns depois saíram do colégio particular e foram estudar no Roberto Silveira junto comigo, mas quando a amizade começou eles estudavam no colégio particular e eu em colégio público.

M A:Mas aqui na vila operária já tinham as famosas escolinhas do seu Barbosa?

K C:Tinham, mas nenhum dos meus colegas estudavam lá. Mas a gente sabia que tinha o Barbosa.

M A:Mas ali já tinha virado município, não é? Nessa época, nesses anos oitenta a escolinha do seu Barbosa já tinha ido para a prefeitura, não é?

K C:Acredito que sim, eu não sei.

M A: E a Vinícius de Moraes que ficava lá em cima, quando é que ela veio?

K C:Nem me pergunte, porque eu não sei nada lá de cima. Nada... Nada... Nada... Nunca fui lá em cima na associação, não sei nem onde que fica. O que eu conheço é a até a rua da Lu, mais nada. **(risos)**

M A: Você falou como era você e as crianças, fale agora como você quando criança via a vida dos adultos? Você falou um pouco dos amigos do seu pai que vinha para cá, fale um pouco mais disso.

K C:Assim, de verdade, eu não tenho essa lembrança, eles vinham muito dia de domingo faziam churrasco tomavam cerveja e depois cada um ia pra sua casa, essa é as lembranças que eu tenho dos adultos que frequentavam a minha casa.

M A: Mas era todo mundo amigo?

K C:Era... Ninguém entrava aqui em casa se não fosse amigo do meu pai ou conhecido da gente porque ele tinha “esse negócio” só frequenta minha casa meus amigos, quem eu gosto, e se fizesse alguma coisa de errado que não agradasse ele em um dia que ele estivesse aqui não voltaria mais, sempre foi assim.

M A:Mas eram vizinhos? Eram pessoas que moravam longe?

K C: Eram pessoas que trabalhavam com ele na Brahma quando ele trabalhava na Brahma, porque, de verdade, os vizinhos não tinham o costume de freqüentar a casa dos outros. A lembrança que eu tenho dos vizinhos vindo na casa dos outros é em dia de natal e de ano novo, que viam cumprimentar, fora disso não tinha.

M A: Cumprimentar...

K C: E comer (risos) Eles nunca tiveram costume de ir lá em casa. Eu que (tinha) minha sempre mãe falava: — Você é demais, você só gosta de ficar na casa dos outros. Porque eu fica muito, eu tinha uma amiga minha Fabiana eu vivia lá brincando com ela porque eu gostava de ficar com ela. — Você só vive na casa dos outro eu tenho de ficar te chamando. Eu gostava de andar na casa dos outro, mas eles (os vizinhos) não gostavam. Eu gostava de andar pela casa de todo mundo.

M C: Até hoje eu não gosto muito de ir na casa dos outros, só chegar conversar com as pessoas, mas estar lá (não).

M A: É bom ficar no seu sofá, não é seu Maninho? A TV fica na altura que o senhor gosta.

K C: Eu gostava desse negócio, vou na casa de um aqui, na casa de outro ali, e vou brincar aqui e vou brincar ali. E assim eu ia rodando as casas das colegas o ano todo.

M A: Dos vizinhos?

K C: Dos vizinhos.

MC: É porque tem pessoas que não sabem estar em casa de ninguém. Porque ele acha que ele abusando é... (Latidos de cães)

M A: É verdade seu Maninho.

M C: E minha cabeça não dá para isso... sinceramente.

M A: Mas seus pais falavam essas coisas de você ficar indo na casa de todo mundo. Eles falavam isso brigando com você?

K C: Brigavam, brigavam mesmo.

— Você só vive na rua, meu pai não muito porque ele trabalhava, minha mãe que ficava (falando) — Você só vive na casa dos outros, você não tem casa. Entrava por um ouvido saía pelo outro e eu continuava fazendo a mesma coisa.

Às vezes as mães dos meus colegas não deixam eles virem e aí eu ia, porque a gente queria brincar e tinha que dar um jeito, quando as mães não deixavam sair eu ia, e às vezes, minha mãe não sabia nem onde eu estava, depois ela ficava me gritando pela rua até eu aparecer e sair da casa dos colegas.

M A: Como que eram as mães dos colegas em relação a isso? Era tranquilo?

K C:Tranquilo.

M A:Agora fale um pouquinho — hora que em você vai entregar o s.r. Maninho — Quando você veio para cá e a casa ficou sua (...) existiam ciúmes da parte dos seus pais em relação a casa?

K C:Não, Não... eles sempre foram de boa.

M A:Entendiam que a casa era sua.

K C:Isso, não existe esse problema.

M A:E como que é essa parte de escritura, documento, IPTU?

K C:Ele é isento de IPTU, porque como é tudo no nome dele a gente não paga IPTU porque ele tem isenção. Antigamente quem pagava era eu e meu irmão. Porque a gente morava e a gente dividia, se fosse 500 reais, era 250 meu, 250 seu, mas aí quando entrou a isenção a gente não paga mais nada

M A:Mas a parte de documentação das casas?

K C:Está tudo no nome dele

M A:Mas as documentações são separadas? As escrituras?

K C:Não, é tudo uma coisa só, tudo no nome dele.

M A:E sempre foi assim?

K C:Sim

M A:E vem alguém da prefeitura falar alguma coisa sobre isso?

K C:Não, não... nunca vieram procurar saber nada não.

M A:E isso é comum aqui?

K C:É

M A:Todo mundo faz isso...

K C:Isso... Ninguém desmembra nada. Quando meu irmão foi à prefeitura houve uma história de que a prefeitura faria o desmembramento das casas que quisessem. Sendo que eles falaram isso em um dado momento e nunca mais apareceram para fazer.

M A:Valeria a pena fazer esse desmembramento?

K C:Não, como nós aqui somos bem resolvidos quanto a divisão das casas, a sua é lá a minha é aqui, a gente não tem esse problema. E os outros irmãos têm cada um a sua casa.

M A:Seu irmão foi ver essa questão do desmembramento em qual época?

K C:Mais ou menos uns dez anos.

M A:E você sabe de onde veio essa questão (do desmembramento)?

K C:Não. Alguém da associação passou avisando que teria uma reunião sobre legalização de imóveis, esse foi o termo. Para ver quem estava com o imóvel atrasado, IPTU atrasado. Uma história de que aqueles que tivessem com cinco anos de IPTU atrasado a prefeitura iria tomar a casa.

M A:E o que você achava disso? Já tinha ouvido falar nisso antes?

K C:Não, eu sei que fora da comunidade se você ficar muitos anos sem pagar IPTU a prefeitura toma e leiloa o seu imóvel. Mas dentro da comunidade eles não vão “botar essa bronca” e fazer essa maluquice.

M A:E o que você acha disso?

K C:Se eles legalizassem tudo seria ótimo para os moradores, mas de verdade, eu não vejo na associação nada sendo feito para isso acontecer.

M A:Mas porque que seria melhor para os moradores?

K C:Porque teria um documento de verdade dizendo que aquilo (o imóvel) era seu, que não teria risco de ninguém tomar

M A:Você tinha ou tem essa preocupação, de alguma forma?

K C:Não. Porque tem um papel dizendo que a casa é dele. E a gente pagou IPTU muitos anos, tanto que todo ano meu irmão vai à prefeitura e pega o papel da isenção (...) Então eu não tenho esse medo de perder aqui.

M A:Mas você tem esse medo por algum amigo seu?

K C:Não porque eu acho que aqui, meus vizinhos, todos têm a documentação de posse, como se fala aqui na comunidade.

M A:Mas tem casas aqui com a escritura regularizada?

K C:Não sei te dizer isso. Aqui na escritura diz compra e venda, agora se é de verdade...

M A:O quê que a palavra propriedade significa para você?

K C:Não sei te dizer isso não

M A:Você está trabalhando em Vaz Lobo agora e antes você ficou só aqui em Duque de Caxias. Você costuma circular por outros municípios? Aqui na baixada mesmo? Por exemplo, ir para Nova Iguaçu, ou costuma ir para o RJ?

K C:No RJ eu costumo ir quando preciso resolver alguma coisa, por exemplo COREN, ou ir na rua da alfândega comprar alguma coisa, ou vou à praia na zona sul, ou na Barra da Tijuca, alguma coisa assim. Agora Nova Iguaçu, Belford Roxo, esses lugares assim, não sei nem onde ficam.

M A:E o que você acha sobre essas diferenças entre RJ e Duque de Caxias? O quê você vê de mais diferente.

K C:Sinceramente eu não vejo diferença nenhuma. Acho que tudo é muito igual, os centros urbanos as suas comunidades. As mesmas coisas em todos os lugares, violência, assaltos... É tudo a mesma coisa.

M A:Mas você vê alguma diferença entre uma comunidade no RJ e uma comunidade em Duque de Caxias?

K C:Tem muita diferença. (Lá no RJ) os programas tentam ser feitos e melhorar a comunidade. Aqui eu não vejo acontecer nada disso. Eu sei que, às vezes, o poder paralelo impede que as coisas aconteçam. Montaram até uma base da UPP aqui, mas não durou nem dois anos, até porque aqui não tem essa violência que existe nas comunidades do RJ, eu não vejo tiroteios e raramente vejo alguém morrer por ação policial. E quando fico sabendo, geralmente não é por aqui.

M A:Mas não tem violência aqui na Vila Operária, ou não tem essa violência nas comunidades de Duque de Caxias?

K C:Aqui na Vila Operária, porque nas outras a gente vê, na comunidade do Lixão, na Vila Ideal, no Corte Oito, na Mangueirinha a gente vê, a gente tem, todos os dias, notícias de que o negócio lá “pega fogo”.

M A:Você se considera uma moradora de periferia?

K C:Sim.

M A:E o que significa para você ser moradora de periferia?

K C:Não há diferença nenhuma em relação a um playboy da zona sul, ou dali da vinte e cinco de agosto, para mim é a mesma coisa. Quem faz o lugar que a gente mora é a gente.

M A:O quê que a palavra periferia significa para você?

K C:Eu acho que quando se diz periferia, se diz que as pessoas têm um nível de pobreza diferente daqueles que têm um poder aquisitivo melhor. Mas a gente vê que não é assim. Todos que vivem em comunidades e periferias são trabalhadores que correm atrás, que podem ter um telefone bom, ter um carro bom, uma casa boa, mesmo morando em comunidade.

M A:Você chegou a conhecer o trabalho do seu pai, quando você era criança?

K C:Sim, muita coisa! Eu voltava da escola e ficava lá correndo em meio aos caminhões

M A:E a Fábrica da Brahma?

K C:A fábrica era no RJ, aqui em Duque de Caxias era o depósito. Ali próximo da Igreja Nossa senhora de Fátima no bairro vinte e cinco de agosto. Onde havia um depósito bem grande de bebidas, onde tinha a garagem onde ficavam os caminhões, então eu entrava, conhecia todos dentro do depósito. Como eu era filha dele eu conseguia entrar, os vigilantes me conheciam, deixavam eu entrar, não entrava qualquer um não.

M A:E o que você fazia lá (No depósito)?

K C:Eu ia encontrar o meu pai, porque quando eu saía da escola era o mesmo horário que ele saía e eu fica brincando lá dentro, rodando, falando com todo mundo. Isso quando eu era novinha, quando fiquei mais velha, meu pai já não trabalhava mais lá, estava no depósito da Antártica ali na Washington Luís então era difícil eu ir lá, porque era longe.

M A:E esse depósito, hoje em dia há o quê lá?

K C:Eu não sei. Eu acho que está fechado. E uma parte, onde ficavam os caminhões, hoje é o estacionamento de uma igreja. Agora o primeiro depósito, em si, eu não sei o que foi feito. Há um tempo atrás falaram que o supermercado Guanabara tentou comprar, mas os donos do depósito estavam pedindo muito dinheiro.

M A:Os patrões do seu pai, você chegou a conhecer?

K C:Sim, todos os três, ele brincava comigo quando meu pai parava para beber cerveja com eles. Fazia churrasco em sítios alugados para as famílias dos funcionários. Era uma boa relação... Meu pai possui uma relação muito boa com os patrões dele

M A:E tinham mais pessoas daqui que trabalhavam no depósito?

K C:Sim. Tinham uns amigos do meu pai, que moram mais para dentro da Vila Operária que também trabalhavam lá, os meus primos quando vinham de Natal, o meu pai colocava para trabalhar lá também, meu irmão mais velho, o primeiro emprego dele foi lá no depósito da Brahma. De verdade, era quase a família toda que trabalhava lá

M A:Mas o seu pai saiu de lá antes de fechar o depósito? Você sabe porque fechou?

K C:Ele saiu antes, não sei porque fechou. Com a morte do dono talvez os filhos preferiram não seguir. Eu não conheço os filhos de seu Afonso (patrão de meu pai). Não sei de qual bairro a família dos patrões era, mas eles iam almoçar frequentemente ali no Abreu, o rei do feijão.

M A: E quando você era criança você tinha percepção sobre as partes da casa. Exemplo: Nessa parte aqui minha mãe fica mais, nesta outra meu pai fica mais?

K C:Minha mãe sempre ficou muito na cozinha, meu pai como trabalha fora, quando ele chegava ele comia e dormia, então ele ficava mais no quarto.

M A:E seus irmãos?

K C:Meus irmãos, eu não tenho essa lembrança, porque eles eram muito arteiros então eles ficavam brincando no quintal, o mais novo lembro dele sentado assistindo televisão.

M A:E você ficava em qual parte da casa?

K C:Na sala, pois eu gostava de ver televisão, ver Xuxa, desenhos, essas coisas. Caverna do Dragão, Sheera, He-man.

M A:Mas a sua mãe ficava com coisas como: Você precisa aprender a cozinhar, cuidar da casa?

K C:Não, nunca! Minha mãe nunca me obrigou a fazer nada.

M A:Como é que foi crescer mulher aqui na Vila Operária?

K C:Aprender com a minha mãe (as tarefas de casa), era aprender se eu quisesse, não havia obrigação de aprender a lavar cozinhar, passar, nada disso. Minha mãe sempre falava que eu tinha que estudar e trabalhar. Não ser dona de casa. Ela não tinha essa concepção de me ver dona de casa.

M A:E o que você acha disso?

K C:Minha mãe tinha uma visão bem para frente. De que eu deveria estudar e trabalhar para não depender de homem nenhum. Para quando eu quisesse sair eu pudesse ser dona do meu nariz e poder viver sem ninguém me dar ordem nenhuma.

M A:E você seguiu isso direitinho?

K C:Eu sou meio dona do meu nariz, até com meu marido eu sigo dona do meu nariz. O que eu quero eu vou fazer e pronto acabou.

M A:Você tem filho ou filha?

K C:Filho

M A:E você passa isso pra ele? Estudar, respeitar as meninas?

K C:Tudo isso eu ensino

M A:Você lembra de alguma mulher política? Dentro ou fora da associação de moradores daqui

K C:Não...

M A:Quando você mudou-se para cá você continuou estudando no Roberto Silveira, você lembra se existia alguma escola aqui na Vila Operária?

K C:Eu sabia que tinha a Escola do seu Barbosa, mas como eu já era matriculada lá e o Roberto Silveira era o colégio padrão, renomado, então continuei lá.

M A:Você lembra dessa escola dessa forma: Escola do Barbosa?

K C:Não sei nem o nome do Colégio, até hoje, porque todos chamam assim, para mim é Escola Barbosa. Não tenho lembranças dele, nem sei quem era.

M A:Podemos fechar.

Luciane Chagas Brasil: Kátia, gratidão enorme, você é plantonista e recebeu a gente. Quero agradecer a todos aqui estou voluntária e já fui bolsista dessa pesquisa.

K C:Foi um prazer receber vocês.